



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

O PRINCÍPIO DA ESCRITA

Gláucia Regina Santos Domingos

Universidade Estadual de Campo Grande – MS

Resumo: Este trabalho propõe-se a investigar a origem da escrita segundo Benveniste e Saussure.

Introdução

Na pré-história o sujeito desenhava suas ideias e objetos, maneira de descrever suas emoções e o mundo no qual ele pertencia. As grandes civilizações como Mesopotâmia, Egito, China entre outras sociedades utilizaram a memória da escrita como símbolo para progresso evolutivo. Fato que a escrita foi de extrema importância para humanidade, pois homem teve a necessidade de expressar e registrar a história, os acontecimentos sociais, políticos e culturais das civilizações mais diversas, ele encontrou uma forma de interpretar o mundo, apoderando se da escrita.

A escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. (...) Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substituiu a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003).

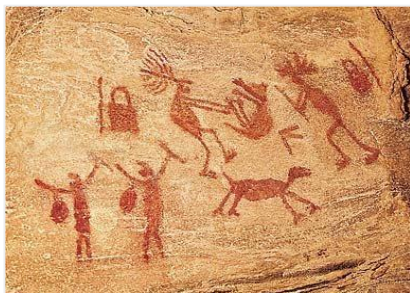


Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

Escrita Pictografia



Uma escrita rudimentar essencialmente figurativa, onde os desenhos não representavam sons, nem ideias abstratas, mas puramente o objeto figurado no desenho, os “caracteres eram as próprias imagens do homem e dos animais comuns na época: bisões, ursos, veados lobos, javalis, etc” (idem, ibdem).

O homem primitivo serviu-se de diversos meios de comunicação, no entanto, nenhum deles tinha a finalidade de representar a língua oral. Eram totalmente independentes da fala. A manifestação mais elaborada desses processos comunicativos foi a “pictografia”, ou melhor, a “escrita pictográfica”. Consiste em transmitir uma ideia, um conceito ou um objeto através de um desenho (símbolo) figurativo e estilizado.

A escrita pictográfica foi a base da escrita cuneiforme e dos hieróglifos, origem de todas as formas de escrita e, apesar dos “milênios”, a pictografia continua a ser utilizada, principalmente na sinalização do trânsito e de locais públicos, na infografia e em várias representações do design gráfico; pois são autoexplicativas e universais.

Escrita Ideográfica



A Escrita Ideográfica, provavelmente, evoluiu a partir de formas da escrita pictográfica (hieróglifos). Consiste num sistema de escrita que se manifesta através de “ideogramas”: símbolo gráfico ou desenho (signos pictóricos) formando caracteres separados e representando objetos, ideias ou palavras completas, associados aos sons com que tais objetos ou ideias são nomeados no respectivo idioma. Por isso, são necessários tantos símbolos quantos os objetos e ideias a exprimir. Os mais antigos vestígios de escrita ideográfica provêm de Sumer (ver escrita cuneiforme), cujo alfabeto dispunha de quase 20.000 ideogramas.

Bom exemplo de escrita ideográfica são os caracteres chineses e japoneses. Os ideogramas são inscritos, separadamente, num quadrado imaginário, dispostos em colunas e lidos de cima para baixo a partir da direita. No início, a escrita traduzia somente ideias (imagens) e não sons. Entretanto, para traduzir ideias abstratas, cuja transcrição gráfica era impossível, os chineses recorreram aos símbolos (ideogramas) de objetos concretos, correspondente na língua falada, a uma palavra com o mesmo som. Deste modo, introduziram elementos fonéticos na escrita ideográfica. Na forma tradicional, os caracteres eram traçados a pincel. O emprego da pena de escrever deu aos signos um aspecto angular.

Na China, com uma população falando diferentes dialetos, este recurso mostrou-se de grande valia. Desde que foi desenvolvida, os chineses e japoneses nunca evoluíram para outra forma de escrita, permanecendo não alfabética até hoje.



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020
Artigo aprovado até 20/07/2020

Em nossa escrita, usamos alguns símbolos ideográficos. Por exemplo: a representação dos números: [0] lê-se *zero*, [1] lê-se *um*, [2] lê-se *dois* e assim por diante. Observe que com apenas um símbolo representamos uma palavra (ideia completa). Outro exemplo são as abreviaturas: [a. C.] lê-se *antes de Cristo*. / [V.S.a] lê-se *Vossa Senhora* – [Adv.] lê-se [advogado]. Quando a abreviatura é uma locução, o somatório de letras é que compõe o símbolo ideográfico.



A última tábua conhecida data do ano 75 da era cristã.

Escrita Cuneiforme

A Escrita Cuneiforme (do latim *cuneus* = cunha) é o mais antigo sistema de escrita. Utilizada até a era cristã por vários povos que habitavam o antigo Oriente Médio. No início, a escrita era feita através de desenhos: uma imagem estilizada de um objeto significava o próprio objeto. O resultado era uma escrita complexa com pelo menos 2.000 sinais. Por isso, seu uso era bastante complicado. Com o tempo, os sinais tornaram-se mais abstratos, evoluindo, finalmente, do sistema pictográfico para a escrita ideográfica (totalmente abstrata), composta de uma série de caracteres na forma de cunhas e com um número muito menor de sinais. Misturam-se caracteres e símbolos para letras e sílabas; para

os números, círculos ou riscos. Essas figuras e objetos eram desenhados, por escribas, em tabletes de argila molhada, usando-se um estilete de caniço com a ponta na forma de cunha. Geralmente, eram dispostos de cima para baixo em colunas colocadas da direita para a esquerda. Em peças maiores, pela impossibilidade dos escribas de manobrá-las com a mão esquerda, a direção da escrita e a disposição das colunas são modificadas, as linhas passam a ser horizontais e as letras seguem a direção da esquerda para a direita. Com o objetivo de determinar a posse de algo, quase sempre um selo (desenho pessoal referente ao proprietário) era usado. Desse sistema de escrita, no entanto, não se derivou nenhum alfabeto.

O primeiro escrito conhecido – anterior a 4.000 a. C. (IV milênio) – é atribuído aos sumérios da Mesopotâmia. Milhares de tabletes de argila foram desenterrados contendo registros de transações comerciais e impostos de cidades da Mesopotâmia.



Deve ser lido no sentido para onde os símbolos que representam homens ou animais estiverem voltados.



Escrita Egípcia

A Escrita Egípcia conhecida por *hieróglifo* (que significava gravação sagrada), também usava sinais pictográficos, porém adaptados para diferentes objetivos. A palavra “olho”, por exemplo, era o desenho de um olho; para “choro”, acrescia-se ao olho, linhas representando as lágrimas. Os hieróglifos eram escritos na vertical e horizontalmente; neste último caso, se os animais desenhados olhassem à esquerda a leitura deveria ser da direita para a esquerda e vice-versa. Tais símbolos podiam também ser usados para representar sílabas do mesmo som. Além disso, havia 24 sinais representando consoantes únicas, com as quais as palavras poderiam ser compostas, caso fosse necessário. Existiam duas formas de escrita no Antigo Egito: inicialmente a *Hieroglífica*, (do período faraônico) formada por desenhos e símbolos. E a *Demótica* (com alguns termos gregos) usada até o século V, em que se utilizava um tipo de caneta sobre o papiro, tornando-a mais ágil, mais rápida, necessária ao registro de contas e documentos administrativos. Apenas os sacerdotes, membros da realeza, altos cargos, e escribas conheciam a arte de ler e escrever esses sinais “sagrados”.

A escrita hieroglífica constitui provavelmente o mais antigo sistema organizado de escrita no mundo, e era vocacionada principalmente para inscrições formais nas paredes de templos e túmulos. Com o tempo evoluiu para formas mais simplificadas, como o hierático, uma variante mais cursiva que se podia pintar em papiros ou placas de barro, e ainda mais tarde, com a influência grega crescente no Oriente Próximo, a escrita evoluiu para o demótico, fase em que os hieróglifos iniciais ficaram bastante estilizados, havendo mesmo a inclusão de alguns sinais gregos na escrita.

Existem inscrições desde antes de 3000 a.C. até 24 de Agosto de 394, data aparente da última inscrição hieroglífica, numa parede no templo da ilha de File.

Constituíam uma escrita monumental e religiosa, pois eram usados nas paredes dos templos, túmulos, etc. Existem poucas evidências de outras utilizações.



Durante os mais de três milênios em que foram usados, os egípcios inventaram cerca de 6.900 sinais. Um texto escrito nas épocas dinásticas não continha mais do que 700 sinais, mas no final desta civilização já eram usados milhares de hieróglifos, o que complicava muito a leitura, sendo isso mais um dos fatores que tornavam impraticável o seu uso e levaram ao seu desaparecimento.

Com a invasão de vários povos estrangeiros ao longo da sua história, a língua e escrita locais foram se alterando, incorporando novos elementos. Fatores decisivos foram a introdução dos idiomas grego e latino, com a conquista pelos respectivos impérios. Também o cristianismo, ao negar a religião politeísta local, contribuiu bastante para que o conhecimento desta escrita se perdesse, no século V depois de Cristo. Tudo o que estava relacionado com os antigos deuses egípcios era considerado pagão, e, portanto, proibido.

A escrita atualmente: Escrita Silábica

Silabário					
 BRAÇO	BRA	BRE	BRI	BRO	BRU
 CRAVO	CRA	CRE	CRI	CRO	CRU
 DRAGÃO	DRA	DRE	DRI	DRO	DRU
 FRALDA	FRA	FRE	FRI	FRO	FRU
 GRAVATA	GRA	GRE	GRI	GRO	GRU
 PRATO	PRA	PRE	PRI	PRO	PRU
 TRATOR	TRA	TRE	TRI	TRO	TRU
 PALAVRA	VRA	VRE	VRI	VRO	VRU
 BLUSA	BLA	BLE	BLI	BLO	BLU
 CLARA	CLA	CLE	CLI	CLO	CLU
 FLAUTA	FLA	FLE	FLI	FLO	FLU
 GLOBO	GLA	GLE	GLI	GLO	GLU
 PLACA	PLA	PLE	PLI	PLO	PLU
 ATLETA	TLA	TLE	TLI	TLO	TLU
 VLADEMIR	VLA	VLE	VLI	VLO	VLU

Silabário, para crianças da pré-escola



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020
Artigo aprovado até 20/07/2020

A Escrita Silábica é um sistema onde cada símbolo é a combinação de sons de consonantais e vogais representando uma sílaba (silabismo). Assim, há um símbolo para o [bê, cê, cá, dê, etc.].

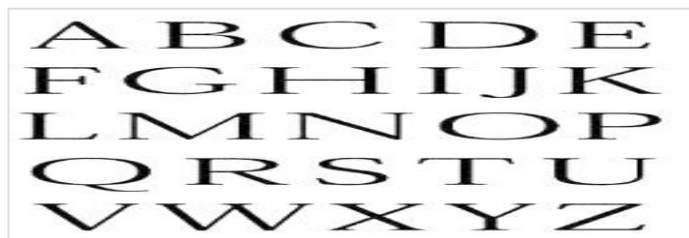
Da mesma forma que os sistemas logográficos de escrita usam um único símbolo para uma palavra completa, um **silabário** é um conjunto de símbolos escritos que representam (ou se aproximam da representação de) sílabas, que, por sua vez, constituem palavra. Tipicamente, um símbolo de um silabário representa um som consonantal seguido de um som vocálico, ou apenas uma vogal isolada. Num silabário verdadeiro, não há similaridade gráfica sistemática entre caracteres foneticamente relacionados (apesar de alguns apresentarem similaridades gráficas entre as vogais). Em outras palavras, os caracteres para “ke”, “ka”, e “ko” não têm semelhança que indique sua base comum “k”. Compare-se esse aspecto com um abugida, em que cada grafema representa uma sílaba, mas os caracteres que representam sons relacionados são graficamente semelhantes (tipicamente, faz-se acompanhar uma base consonantal comum de complementos que indicam a vogal da sílaba).

Silabários são mais apropriados às linguagens com estrutura silábica relativamente simples, como o japonês. A língua portuguesa, por outro lado, permite estruturas silábicas complexas, com um inventário relativamente grande de vogais e encontros consonantais complexos, tornando inapropriado escrever palavras portuguesas com um silabário. Para escrever em Português usando um silabário, toda sílaba possível em Português haveria de ter um símbolo separado, e enquanto o número de possíveis sílabas em Japonês é não mais de uma centena, em Português há alguns milhares.

Outras linguagens as quais usam escrita silábica incluem grego micênico (Escrita linear B) e linguagens nativas americanas tais como a língua cherokee. Muitas linguagens do Antigo Oriente usaram formas de escrita cuneiforme, a qual é um silabário com alguns elementos não silábicos.



Escrita Alfabética e Fonética



Escrita Alfabética e Fonética é o nosso sistema de escrita. Consiste na representação dos sons de determinada língua pelas letras do seu alfabeto, mas nem sempre correspondendo exatamente ao som da língua. Assim, podemos dizer que nossa escrita não é exclusivamente fonética. O fonetismo, e o sistema onde as palavras passaram a ser decompostas em unidades sonoras, portanto, a escrita aproximou-se de sua função natural que é a de interpretar a língua falada, a língua oral, a língua considerada como som. Dessa forma o sinal se libertaria do objeto e a linguagem readquiriria a sua verdadeira natureza que é oral. Decompondo o som das palavras, o homem percebeu que ela se reduzia a unidades justapostas, mais ou menos independente umas das outras e nitidamente diferenciáveis. Daí surgiram dois tipos de escrita: a silábica, fundamentada em grupos de sons e a, alfabética, onde cada sinal corresponde a uma letra.

A escrita alfabética foi difundida com a criação do alfabeto fenício, constituído por vinte e dois signos que permitiam escrever qualquer palavra. Adotado pelos gregos, esse alfabeto foi aperfeiçoado e ampliado passando a ser composto por vinte e quatro letras, divididas em vogais e consoantes. A partir do alfabeto grego surgiram outros, como o gótico, o etrusco e, finalmente o latino, que com a expansão do Império Romano e o domínio do mundo ocidental, se impôs em todas as suas colônias.



Fundamentos teóricos sobre a criação da escrita e sua definição

Para bem entender a ruptura epistemológica que constitui o fato de se considerar a escrita como um sistema em si, Benveniste remonta a um tempo mais longe possível: aos desenhos do homem primitivo.

Desde o início do curso 9, de 10 de fevereiro de 1969 (BENVENISTE, 2012, p. 97), Benveniste expõe duas questões:

- aquela “do início da escrita”: não são os primeiros vestígios encontrados até agora no Egito e na Suméria que asseguram o início;
- e aquela da diferença entre os sistemas de escrita, ou seja, as diversas e inúmeras representações da linguagem pela escrita.

Benveniste observa que, para abordar a invenção da escrita, pode-se observar as últimas invenções, mas, ainda assim, trata-se sempre de imitação, ou pode-se prestar atenção ao conceito de mensagem, o que nos força a observar as narrações por ícones.

Ele afirma que a importante noção sobre a origem da escrita é a mensagem:

Uma noção que me parece importante e que ainda não é explorada na sua relação com a escrita é aquela da mensagem. O mensageiro relata um texto que ele memorizou. Ele não fala. Não é o seu discurso que sai de sua boca. É a boca e língua de um outro. Que situação singular e como ela não organizaria um discurso completamente particular! (BENVENISTE, 2012, p. 98).



O mensageiro escreve o texto da mensagem, transportando-o tal qual, inalterado, "ele não fala", "ele não se expressa"; ele transporta a palavra de um outro.

Ele oferece uma primeira definição de escrita a partir do que aparece como sua invenção ou suas premissas e que se poderia intitular "do desenho falante às letras", retomando o título através do qual Marcel Cohen abre o segundo capítulo de seu primeiro livro sobre a escrita (COHEN, 1953, p. 15):

Quando o homem primitivo “representa” desenhando um animal ou uma cena, ele escreve. Sua “escrita”, assim, reproduz a própria cena, ele escreve a realidade, ele não escreve a língua, porque para ele a língua não existe como “signo”. A língua é, ela própria, criação. Assim, podemos dizer que a escrita começa sendo "signo da realidade" ou da "ideia", que é paralela à língua, mas não seu decalque. (BENVENISTE, 2012, p.98)

Mas, para Benveniste, neste caso do homem primitivo, "É o referente que é descrito. Nós não lidamos com um signo linguístico. A escrita aqui não é signo da língua, mas signo do referente. [...] Nós não vemos nenhuma correspondência direta entre a língua e a escrita (BENVENISTE, 2012, p. 99-100). A tese de Benveniste é claramente expressa na seguinte passagem:

Eu não faço genética das escritas; eu não busco a origem da escrita. Eu só quero ver quais soluções o homem deu ao problema da "representação gráfica", e constato que, tanto na antiguidade mais remota que podemos encontrar quanto nos tempos modernos, o homem sempre começa por representar graficamente o objeto do discurso ou do pensamento, isto é, o referente. A tendência "natural" comunicar através de um meio gráfico as coisas das quais se fala e não o discurso que fala delas. É, portanto, inexato para quem compreende todo o conjunto de manifestações da escrita, que a escrita seja o signo da língua, que é, ela própria, o “signo” de um "pensamento". Só se pode dizer da escrita que ela signo de signo.



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

Ela tornou-se apenas uma transcrição da fala. (BENVENISTE, 2012, p. 100).

Como pôde se realizar a passagem da representação gráfica do referente (mensagem) para a escrita? "Esta grande inovação foi realizada, independentemente, ao que parece, em vários pontos do mundo, mas com meios completamente diferentes", diz Benveniste (BENVENISTE, 2012, p. 101). Ele acrescenta à lição 11: cada uma delas é um "começo absoluto." A "verdadeira descoberta" consiste em que:

O locutor-escritor descobre que a mensagem é expressa em uma forma linguística e que é a forma linguística que a escrita deve reproduzir. A partir daí nota-se uma verdadeira revolução: A escrita tomará como modelo a língua. O escritor, em seguida, direcionará seus esforços para encontrar um gráfico que reproduza a fonia e, portanto, uma grafia compondo um número limitado de signos (BENVENISTE, 2012, p. 101).

A verdadeira revolução é, assim, o segundo tempo da prática da escrita: quando a escrita toma como modelo a língua mesmo que não haja relação "necessária" entre a língua e a escrita.

Onde Cohen afirma tranquilamente, em 1953, o fato:

A escrita foi inventada várias vezes, em diferentes regiões: de todo lugar que se tenha informação sobre as origens, percebe-se que ela se desenvolve a partir da pictografia; em lugar algum pode-se seguir um desenvolvimento completo saindo da pictografia para a ideografia e, desta, para o sistema alfabético. Este parece ter sido criado apenas uma vez. (COHEN, 1953, p. 109)



Necessário notar a insistência de Benveniste: “real descoberta”, “verdadeira revolução”. Ele insiste, na verdade, sobre o fato de que esta descoberta, esta “grande inovação” foi realizada de forma independente em várias partes do mundo e cada vez com meios diferentes. Ele precisa: “Todas essas invenções não são as etapas de um desenvolvimento linear. Cada uma delas é um começo absoluto, independente de outros sistemas” (BENVENISTE, 2012, p. 107); ressoando aí, nesta insistência sobre a não linearidade do desenvolvimento e a não causalidade direta entre a aparição de uma escrita a outra, tons darwinianos. Por essa insistência, Benveniste rompe com a tradição evolucionista dos historiadores da escrita (FÉVRIER, 1948; DIRINGER, 1948; COHEN, 1953, 1958) que Béatrice Fraenckel descreve nos seguintes modos:

As obras consagradas à história da escrita são todas atravessadas por este paradoxo. Elas celebram o alfabeto ao mesmo tempo em que são incapazes de descrever-lhe a invenção. Capítulo após capítulo, a evolução da escrita é descrita como uma sucessão de etapas engendrando umas às outras, de suas origens pictográficas ao estado ideográfico até à revelação alfabética. Mas, infelizmente, o relato desta última etapa se perde em conjecturas. (FRAENCKEL, 2009, p. 99-118)

O CLG afirma que há apenas dois sistemas de escrita:

1º O sistema ideográfico, no qual a palavra é representada por um único signo e estranha aos sons que ele compõe. [...]

2º O sistema denominado comumente "fonético" que visa a reproduzir a sequência de sons se seguindo na palavra.

[...] as escritas ideográficas se tornam voluntariamente mistas: alguns ideogramas, desviados de seu valor primeiro, acabam por representar sons isolados (SAUSSURE, 1972, p. 47)



Benveniste segue, então, a divisão de Saussure e distingue dois tipos de sistemas de escrita:

- Sistemas em que a unidade gráfica é unidade do signo.
- Sistemas em que a unidade gráfica é inferior à unidade linguística. Nesse caso, diz ele, opera-se um "processo capital" e a possibilidade de descobrir a língua como forma independente da mensagem: "o falante detém-se sobre a língua e não sobre as coisas enunciadas" (BENVENISTE, 2012, p. 113), isto é, a forma linguística vai existir por ela própria, fora do referente.

No entanto, há muito mais nuances. Ele apresenta exemplos da China, da Mesopotâmia (o sumério, depois o cuneiforme), do Egito:

- Na China, onde a conjuntura foi excepcional em prover uma língua em que cada signo era silábico, em que cada sílaba era um signo distinto, e em que o significado de várias sílabas poderia comportar uma representação icônica.
- Na Mesopotâmia, com a escrita suméria, que rapidamente se tornou cuneiforme; em seguida, em acadiano. Benveniste explica que, tendo sido realizada a decomposição em pregos, um sistema alfabético foi formalizado.
- No Egito, ele explica como um sistema inicialmente de rébus tornou-se, em seguida, um alfabeto. O princípio é simples e já muito muito evoluído para o alfabeto: o desenho de um gato [fr.chat] e um desenho de um pote [fr.pot] dá "chapéu" [fr.chapeau]. A prova é dada pela própria imagem na qual há



uma decomposição do signo que permite utilizar signos gráficos conhecidos. Há, portanto, busca de uma economia quanto aos signos gráficos, uma vez que se pode separar completamente do significado /gato/ e manter apenas a fonia de seu nome.

Como, então, compreender a criação das escritas? Os inventores, nos diz Benveniste, “projetam em sua escrita o tipo de representação que eles efetuam de sua língua” (BENVENISTE, 2012, p. 110); existe uma “estreita ligação entre o tipo de escrita e o tipo de língua, entre a maneira de dissociar os elementos de fala e a maneira de escrever esses elementos.” (BENVENISTE, 2012, p. 117). Assim, em chinês:

Podemos ver que os inventores projetam em sua escrita o tipo de representação que eles têm de sua língua. Em chinês, constroem-se caracteres para cada significante: há equivalência formal entre um significante e um caractere. Que o chinês seja monossilábico é uma consideração completamente exterior. O que importa é que, para aqueles que imaginaram a escrita, realiza-se o modelo ideal: cada significante e somente um significante é expresso por um signo e um único; inversamente, cada signo e um único signo responde a um único significante e a um único. (BENVENISTE, 2012, p. 110)

Em oposição a este sistema único, como o exemplo do chinês onde a unidade gráfica é idêntica à unidade do signo, onde cada signo gráfico coincide com um signo da língua e onde, conseqüentemente, não há, então, falta ou excesso, a unidade gráfica sendo a palavra, portanto, ao contrário de sistemas deste tipo encontram-se todos os sistemas onde a unidade gráfica é inferior.

Unidade linguística, quer dizer, ao signo. Nesses sistemas, a unidade gráfica é uma parte do signo (por exemplo, a sílaba). Nessa categoria, encontram-se geralmente os



sistemas praticados atualmente, mas este “grande progresso final” (BENVENISTE, 2012, p. 109), é realizado pela primeira vez com o alfabeto grego.

De que modo passamos da sílaba para a unidade do som ou do fonema? A circunstância decisiva foi: 1) a invenção fenícia; 2) a adaptação das letras fenícias para o grego. [...] Os Gregos deram um novo passo escrevendo sistematicamente como distintas vogais e consoantes a partir de sua língua onde as variações gramaticais, destruíam, frequentemente, as relações etimológicas (do tipo – presente / lambano /, "Eu pego" e perfeito / eilepha /, "eu acabei de pegar"). O corte silábico da fala é, para mim, o corte natural, porque não se pode isolar som algum de um suporte vocálico. A unidade de decomposição da fala será, assim, ou uma vogal ou um segmento incluindo uma vogal (CV ou VC). A articulação natural da fala é reproduzida como articulação natural de escrita. (BENVENISTE, 2012, p. 109).

Em Derrida, a escrita é “différance”, “a diferença em seu movimento ativo” (DERRIDA, 1967, p. 200), quer dizer, a fenda escavada pela linguagem entre o homem e o mundo. Em Benveniste, a escrita é diferença, em termos de dimensão meta que lhe permite constituir-se como língua; a escrita repele a naturalidade da linguagem.

Compreendemos então que a tese de Benveniste se amplia e se torna necessária pois é através da criação da escrita que estimula as sociedades a se conscientizarem que de há um processo linguístico, esse sistema tem por objetivo ser o alicerce para a mensagem e a fala, dos humanos que inventam a língua.

Referências Bibliográficas

<https://biblioam.wordpress.com/2014/08/22/a-historia-da-escrita/>



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020
Artigo aprovado até 20/07/2020

<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/viewFile/13588/9216>

HIGOUNET, Charles. História concisa da escrita. 10ª edição - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.